



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE MESTRADOS DA UEFS SOBRE A PESQUISA, O ENSINO E A EXTENSÃO

MURILO OLIVEIRA ALMEIDA
ANTONIO ROBERTO SEIXAS DA CRUZ

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO

Objetivou-se **compreender as concepções de docentes de mestrados da UEFS sobre a pesquisa, o ensino e a extensão**. Amparamo-nos na Teoria das Representações Sociais e trabalhamos com pesquisa de abordagem qualitativa. Os sujeitos foram três docentes dos Mestrados: 1) História, Cultura e Poder; 2) Desenho, Cultura e Interatividade; 3) Ensino, Filosofia e História das Ciências. Utilizou-se entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo de tipo temática (BARDIN, 1977). Não observou-se articulação desses elementos na prática dos docentes, mesmo que isto esteja posto nos documentos legais da Pós-Graduação no Brasil como se fossem indissociados, pois, essa relação ainda se encontra por fazer na docência desses cursos.

Palavras-chave: Docente Pesquisador. Pesquisa. Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultante de pesquisa de Dissertação concluída, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na Área de Concentração “Educação, Sociedade e Culturas”, Linha de Pesquisa II “Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas”, cujo título é **Olhares de docentes de mestrados da UEFS sobre a influência da pesquisa em suas práticas pedagógicas**.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo **compreender as concepções de docentes de mestrados da UEFS sobre a pesquisa, o ensino e a extensão**. Tendo como base este objetivo, construímos um quadro teórico-metodológico que se amparou em princípios da Teoria das Representações Sociais (TRS). Esta foi elaborada a partir dos estudos de Moscovici (1987) e Jodelet (2001).

Moscovici (1987, p. 28), substituiu o conceito de representação coletiva cunhado por Durkheim, pelo de representação social que consiste em

[...] Um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação.

Essa noção de representação, como um tipo de conhecimento prático do qual os sujeitos se servem socialmente para elaborar suas noções sobre o mundo, refere-se ao senso comum que serve de base para que os indivíduos possam exercer suas atividades intelectuais de maneira a tornar a realidade significativa para si ou para um conjunto social.

O estudo que ora apresentamos trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. Este tipo de investigação preocupa-se com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, existentes na rede de relações nos diversos contextos sociais (PÁDUA, 2004).

Ademais, este trabalho centra-se em dados coletados e produzidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com 9 docentes pesquisadores dos seguintes cursos de Pós-Graduação da UEFS: 1. Ensino, Filosofia e História das Ciências; 2. Desenho, Cultura e Interatividade; 3. História, Cultura e Poder; todos da área de ciências humanas, com o intuito de trazer à tona as visões desses professores sobre a pesquisa, o ensino e a extensão, em suas atuações na UEFS.

2 CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE MESTRADOS DA UEFS SOBRE A PESQUISA, O ENSINO E A EXTENSÃO

O objetivo desta seção é problematizar as concepções dos nossos depoentes sobre a pesquisa científica e suas diferenças em relação ao ensino e a extensão, considerando que o foco é investigar se existe articulação entre a pesquisa e a prática de sala de aula no âmbito de cursos de pós-graduação, bem como se configuram as práticas extensionistas desses docentes de mestrados acadêmicos da UEFS.

Com base nesse objetivo, vejamos o que um dos docentes entende por pesquisa:

Pesquisar é buscar compreender a realidade que te cerca, através de determinados instrumentos e caminhos metodológicos que estão articulados a uma teoria ou a um conjunto de procedimentos teóricos que, por sua vez, se articulam com uma certa visão de mundo, uma ideologia, que te levam a escolher determinadas posturas metodológicas e éticas (MI1).

Percebe-se que o entrevistado faz uma articulação da pesquisa com a teoria. Além disso, a fala aponta para o entendimento de que a investigação é um processo de estudo relacionado a um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos dos quais o pesquisador se utiliza para compreender as questões que surgem no seio da sociedade. A teoria, por sua vez, é permeada por visões de mundo, de ciência, de ser humano, de ideologias, que levam o pesquisador a realizar suas escolhas filosóficas a respeito do método e do modo de agir frente à sua atuação profissional e à realização da pesquisa.

MI1 fala, também, de sua experiência investigativa articulada à sala de aula quando afirma: *“na parte de pesquisa a gente discutia a pesquisa muitas vezes aplicada como é em outras áreas, ou a pesquisa vinculada diretamente a essa intervenção na realidade”*. Ressaltamos que a pesquisa para o depoente possui um importante papel social e deve ser desenvolvida com ética, pois, constitui-se em um dos principais meios para se conhecer a realidade.

Contudo, o depoente MI1 aborda apenas a noção de pesquisa, articulada a intervenção em contextos sociais e não menciona outros tipos de investigações, que não apresentam necessariamente essa ligação com a prática, a exemplo das pesquisas puras de áreas como a Matemática, a Física e entre outras.

Na mesma linha do pensamento anterior, vejamos o que docente MA2 fala sobre a pesquisa na universidade:

Eu entendo pesquisa como uma atividade sistemática, na qual o pesquisador tem um objeto a ser investigado. Quando falo em uma atividade sistemática, quero me referir no sentido do trato desse objeto. Então, a partir do momento que tenho um objeto definido preciso dar um trato metodológico e também ter referenciais para discutir.

Depreende-se do dito por MA2, que a pesquisa constitui-se em uma atividade que requer a definição de objeto e, posteriormente, seu tratamento com base em procedimentos teórico-metodológicos que estão ligados aos posicionamentos filosóficos do pesquisador, conforme afirmamos na análise da fala de MI1.

Sobre a concepção de pesquisa no âmbito da pós-graduação, observemos o depoimento que segue:

Pesquisa é você satisfazer uma curiosidade, buscar respostas para uma inquietação sua, uma curiosidade que você tem de alguma atuação que vem de sua experiência pessoal, sua prática profissional e com um pouco de fundamento da sua formação, mas a investigação precisa ter importância social, cultural ou política (MG3).

De acordo com a fala de MG3, a pesquisa constitui-se em um conhecimento que requer indagação para satisfazer questões de pesquisa que o pesquisador busca responder, levando em consideração sua experiência pessoal, sua atuação profissional e as aprendizagens adquiridas em sua formação acadêmica. Portanto, a pesquisa trata-se de um elemento teórico-metodológico que se encontra articulado à produção, mas precisa ter uma importância para a sociedade, nos âmbitos social, cultural e político.

No entanto, MG3 trata de uma concepção reducionista de investigação quando trabalha com a noção de que pesquisar significa apenas satisfazer uma curiosidade pessoal, aspecto que está presente em um processo investigativo, mas não é o único elemento constituinte de uma abordagem científica desenvolvida em cursos de pós-graduação e em núcleos de pesquisa, por exemplo.

Sobre a concepção de pesquisa, vejamos o que ML4 afirma:

A pesquisa é um processo de estudo diferenciado, porque tem por trás uma metodologia, ter um método para seguir. Seguindo um método ela tem um objeto e quer aprofundar ou verificar um conhecimento sobre aquele fenômeno. Isso gera uma prática de docência, de ensino e de estudo muito diferenciada porque a gente passa a prestar atenção para esse caminho de estar estudando não só o que gosta, mas, ter percurso de leitura. O fato de fazer pesquisa me dá método, perceber a importância dessa sistematização dos procedimentos, buscar uma informação e reunir o que está estudando, mas, provocar o processo de estudar do aluno, tentar estimulá-lo a buscar novas informações para além daquele texto básico.

A partir do que foi dito pelo participante ML4, podemos dizer que a pesquisa consiste no elemento que exerce uma diferenciação na trajetória profissional do docente, exige aprofundamento teórico com método, ou seja, modifica a formação do professor e, também, do estudante. É um processo de estudo que exige metodologia, rigor e apresenta elementos diferentes do ensino e da extensão, por exemplo, no que se refere aos seus objetivos e procedimentos.

A pesquisa apresenta objeto a ser elucidado e visa à produção de novos conhecimentos, exige do pesquisador muita leitura e estudo para que este possa levantar as informações, os dados empíricos e realizar o diálogo com os teóricos que discutem a temática, além de possibilitar a noção de método, ou seja, do caminho necessário ao desenvolvimento de qualquer investigação científica.

Todavia, mesmo o depoente ML4 abordando que a investigação possibilita uma ação docente que trata os estudantes como parceiros de trabalho e busca proporcionar aprendizagens a eles, o entrevistado não menciona uma junção da pesquisa com o ensino, enfatizando apenas o processo de investigação.

Vejamos o que MM5 diz sobre a investigação científica:

A pesquisa, compreendo como um processo de aprofundamento para compreensão da realidade, de algo que você está problematizando. Então, começa um processo de investigação sobre aquele objeto e aqueles sujeitos que estão fazendo parte do processo da investigação. Seria pensar um pouco mais, de uma maneira mais apurada, sobre aquela determinada realidade para você ter algumas respostas para o que você está querendo investigar.

Para o docente, a pesquisa é um processo de aprofundamento de aspectos da realidade que necessita da problematização do objeto a ser investigado, para a sua melhor compreensão. Trata-se de um caminho que ajuda a afinar o olhar investigativo do pesquisador, possibilita a construção de um pensamento mais apurado sobre temas específicos para obter possíveis respostas, fundamentadas cientificamente.

Para MJ6, a pesquisa, ainda, “[...] funcionaria como o polo da universidade que está voltado para a produção do conhecimento nas suas diversas formas ou para uma reflexão aprofundada sobre o conhecimento” (MJ6). Segundo ele, essa função da universidade é responsável pela produção do conhecimento em todas as áreas ou para uma problematização mais específica sobre esse conhecimento.

Entretanto, MM5 aborda essencialmente aspectos relacionados às pesquisas aplicadas, como as que são mais desenvolvidas nas áreas das ciências humanas e sociais e não menciona as investigações que não têm necessariamente relação com contextos empíricos, tais como as pesquisas bibliográficas, os estudos de caso e aquelas mais difundidas nas áreas das ciências naturais e exatas, aspectos já tratados anteriormente.

Um dos nossos depoentes revela sua noção de pesquisa da seguinte maneira:

Pesquisa vem de busca, de questionamento, de procura; e essa atividade se faz primeiro se há uma motivação, um questionamento inicial que precisa de solução. Então pesquisar é encontrar uma solução para uma questão que está sendo apresentada, seja pela sociedade, seja pelo mundo acadêmico, seja motivada por questões pessoais, e geralmente em toda atividade de pesquisa essas três vertentes estão associadas (MW7).

A pesquisa, para o docente é uma das atividades fundamentais de procura pelo conhecimento existente na universidade. Ora, para que exista questionamento deve haver estudo, motivação do pesquisador, a fim de que seja possível encontrar as respostas à pergunta realizada. Ademais, o processo de pesquisa começa com uma indagação a que chamamos de problema e, posteriormente, desenvolvem-se as outras etapas do estudo, a exemplo da formulação dos objetivos, quadro teórico e metodologia, sendo que o objeto precisa partir de um interesse pessoal, social e ou acadêmico.

Porém, ao ler o depoimento de MW7 a impressão obtida é que o entrevistado defende uma concepção de pesquisa nos moldes positivistas, na qual busca-se uma solução para o problema em estudo, aspecto mencionado por ele, isto porque, uma investigação não necessariamente visa dar respostas corretas às perguntas de pesquisa, mas, pode proporcionar novas situações problematizadoras e apontar para aspectos não revelados anteriormente.

Observemos na fala que segue, que MM9 aborda uma visão de pesquisa similar a divulgada anteriormente:

A pesquisa é produção de conhecimento. É o momento em que você tem questionamentos sobre determinados temas e que, a partir de uma pergunta, você vai tentar investigar para tentar responder aquele problema. E a partir disso, muitas vezes, você tem uma ideia, inclusive na parte de pesquisa mais da área de Saúde e Biologia que a gente usa o nome de hipótese, de algumas possíveis respostas, mas só com a coleta de dados é que a gente vai tendo essas respostas.

A noção de pesquisa de MR8 é abordada em *lato sensu* como uma atividade de busca de determinado conhecimento e procura por produções científicas de seu interesse. Já sua noção de pesquisa *stricto sensu* corresponde ao interesse de revelar respostas para questões em aberto no campo científico de cada área de conhecimento e necessita de definição de objeto, fundamentação teórica e metodologia, que têm como objetivo ajudar no aprofundamento de temas das diferentes áreas do saber universitário.

Mas, sinalizamos que a pesquisa, além de buscar respostas para contribuir para o avanço do conhecimento científico, pode proporcionar novos questionamentos sobre aquilo que se investiga e salientamos que esses achados a que MR8 se refere não devem ser tratados como verdades absolutas sobre o conhecimento de cada área específica.

Entretanto, o maior problema desse tipo de investigação refere-se ao interesse corrente da academia em tratar questões ligadas aos fenômenos das ciências sociais e humanas com base nos métodos utilizados nas ciências naturais e exatas. Esse é um dos elementos que se constitui como entrave para a discussão entre a pesquisa quantitativa, respaldada na maioria dos casos pelo paradigma positivista e a pesquisa qualitativa, fruto de reflexões de outras correntes epistemológicas, a exemplo da fenomenologia e do materialismo histórico dialético. Esse entrave se dá, principalmente, pelo fato de que a dimensão do significado dos fenômenos sociais e humanos, material que serve como base para a investigação de âmbito qualitativo, não pode ser medido por meio de processo estatístico, como ocorre na maior parte das investigações de abordagem quantitativa.

Sobre a diferença entre o ensino e a extensão, que juntamente com a pesquisa constituem-se no tripé da universidade, um dos docentes entrevistados diz:

O ensino é essa relação em certo termo teórico de você estar atuando junto aos alunos, na perspectiva do que pode ser feito, de como pode ser feito, o que pode não resultar em pesquisa nem em extensão (MI1).

MI1 trata do ensino como um processo teórico no trabalho de sala de aula, através de procedimentos metodológicos que ajudam a discernir o “que” e o “como” proceder na prática profissional, que não resulta em pesquisa nem em extensão.

Por outro lado, vejamos a concepção de MI1 sobre a extensão:

*Na extensão você já atua pensando que vai retornar à realidade. A extensão tenta sempre uma aplicabilidade do que foi feito na pesquisa e, cada vez mais, o que eu tenho lido, **mesmo não sendo muito ligado à extensão** [grifo nosso], é que ela já se propõe a fazer pesquisas que voltem diretamente para essa intervenção.*

O depoente MI1 afirma que a extensão tem como base a pesquisa, mas com um objetivo de aplicabilidade prática de seus resultados e visa um certo retorno à comunidade, baseada em um processo de intervenção. Entretanto, depreende-se da fala que o entrevistado caracteriza a extensão e trata de sua importância, mas, deixa escapar que não exerce essa função universitária em sua prática como docente da instituição investigada.

Um aspecto problemático na fala de MI1, ainda, é com relação a afirmação de que não é muito ligado à extensão universitária, noção que pode ter como uma de suas razões o fato de que na universidade, no âmbito da pós-graduação, existe uma ênfase dada a pesquisa e um certo descaso com o ensino, sendo a extensão tratada como uma espécie de apêndice, tanto por parte de alguns docentes, quanto pela pós-graduação, na qual a pesquisa tem sido a atividade essencial que é desenvolvida e fomentada.

MA2 ressalta as diferenças entre a dimensão do ensino e da extensão para a prática de uma universidade, primeiramente tratando da dimensão de ensinar: “[...] o ensino se propõe a abordar determinado conteúdo relacionado, também, a uma determinada área”. Conforme exposto na fala apresentada, o ensino tem como uma de suas funções tratar de conteúdos específicos em sala de aula.

Isto nos faz pensar que o depoente expõe uma opinião considerada superficial do que representa essa prática do ensinar para a universidade, pois, ela exige do docente não só o conhecimento para a socialização dos conteúdos com os estudantes, posto que, o ensino requer outros elementos do campo da Didática, dos saberes necessários à docência, que não dizem respeito exclusivamente à competência de realizar uma aula baseada na fala do professor, mas, baseia-se em um processo de reflexão e crítica, necessários ao debate no ensino superior e posterior atuação profissional.

MA2 aborda o seguinte sobre a atividade extensionista: “[...] a extensão tem o propósito de articular atividades que são desenvolvidas no ensino e até mesmo na pesquisa, mas com uma ligação com a comunidade no sentido de divulgar o

que a universidade vem fazendo”. Todavia, é preciso refletir melhor sobre essa noção de que a extensão é responsável apenas por divulgar o que é produzido no ensino e na pesquisa, posto que, a atividade extensionista não necessariamente tem essa aplicabilidade, conforme veremos mais adiante.

Sobre a dimensão da extensão universitária, MG3 afirma que

*[...] A questão do ensino é você estar em sala de aula, **ter uma bagagem e estar transmitindo para os alunos aquele conhecimento** [grifo nosso] teu, tua experiência, com fundamentos teóricos e provocando as experiências deles, para que essa interdisciplinaridade da prática pedagógica com as teorias suscite respostas.*

O docente MG3 divulga uma ideia de educação que podemos dizer que se encontra articulada ao paradigma conservador, principalmente, quando se reporta ao ensino como transmissão de conhecimentos aos estudantes. Ainda a respeito da extensão, MG3 afirma:

*[...] A extensão para mim é você trabalhar com a comunidade, provocando essa comunidade em termos de pensar em uma forma diferente de resolver seus problemas. A extensão basicamente é você estender o que traz para o aluno de graduação para a comunidade, fazer com que esse aluno trabalhe com a comunidade e **repasse aquilo que você professor passou para ele: ensine, mostre como aprendeu e acrescente coisas novas** [grifo nosso].*

Nota-se que a extensão corresponde, para o entrevistado, ao trabalho com a comunidade universitária e extra-universitária, estendendo os conhecimentos trabalhados em sala de aula para outros setores da sociedade. Diante dessas considerações, observa-se que esta unidade de sentido contradiz muitas ideias de autores, a exemplo de Bedim (2006) quando trata da extensão universitária como um processo além de educativo, cultural e científico que tem como objetivo realizar a articulação necessária entre o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a transformação da universidade e da sociedade.

Outra inferência a ser realizada, a partir da análise do depoimento de MG3, é que a referência que ele faz a respeito da extensão é de uma função universitária ligada ao processo de transmissão de conteúdos, verbo articulado ao paradigma conservador. Isto nos faz pensar que há um conflito na fala, pois, o depoente diz-se inovador, ao passo que afirma trabalhar com a comunidade, mas, muitas vezes, encontra-se imerso na maneira tradicional de ensinar que aprendeu em seu processo formativo de estudante quando se reporta ao ensino como transmissão de conteúdos.

Vejamos o que outro depoente revela sobre a dimensão de ensinar: “*se a gente faz ensino, nós estamos preocupados em reunir estímulos para provocar e fundamentar o estudo dos nossos alunos*” (ML4). Percebe-se no excerto que o ensino se refere à dinâmica de trabalho com os estudantes em sala de aula, na perspectiva, mais uma vez, da concepção de educação tradicional, já tratada anteriormente, na qual o professor transmite os conteúdos aos estudantes sem provocar neles a reflexão através, por exemplo, da pesquisa como possibilidade metodológica desse processo de educar.

Essa concepção a que o depoente se refere, remete-se à uma categoria denominada por Freire (2007) de educação bancária, na qual o professor é responsável por transferir os conteúdos de maneira acrítica aos estudantes. Sendo assim, estes são considerados como meros receptores, incapazes de realizar a devida leitura ou mesmo reflexões sobre os conteúdos trabalhados no processo das aulas.

Ao se referir à extensão, vejamos o que ML4 aborda: “*se a gente faz extensão, estamos levando esses alunos a campo para eles verem aquela situação na prática*”. Neste comentário faz-se referência a uma noção de extensão muito simples para o que ela de fato representa para a universidade, pois, esse componente não só está relacionado à inserção dos estudantes em contextos concretos de intervenção, mas que isso, a extensão requer um fundamento teórico-metodológico, um processo de investigação dos aspectos mais gerais da comunidade onde está inserida a universidade e uma participação ativa nesse contexto, para que seja possível uma intervenção coerente com o contexto no qual está sendo realizada a tarefa extensionista.

Observemos o que relata o depoimento a seguir sobre a extensão universitária:

A extensão, o papel dela é contribuir para o cumprimento desse papel social da universidade, dessa interação com a sociedade, de intervenção, de diálogo, de respeito aos saberes da comunidade. Isso, também, é fazer uma pesquisa que está levantando dados, mas esses dados que vão poder contribuir efetivamente para enxergar melhor essa realidade, fazer uma interlocução com essa realidade, com vistas a modificá-la, mas a partir do que as pessoas já sabem (MM5).

Observa-se, a partir da fala de MM5, que a extensão constitui-se na função da universidade que é responsável pelo contato e inserção/intervenção na comunidade extra-universitária, com base no diálogo e respeito a esses sujeitos e ao seu contexto. E o entrevistado, ainda, remete a ideia de que a extensão corresponde atualmente a uma espécie de pesquisa com seus passos e prerrogativas científicas, como a produção de referencial teórico e coleta de dados.

Sobre a diferenciação entre o ensino e a extensão, vamos observar o que MJ6 diz:

O ensino seria o ato de transmitir os conhecimentos produzidos por você ou não, afinal de contas quando você prepara

uma aula, ainda que a releitura de um certo material possa ter elementos de contribuição sua, no ensino você possibilita ao aluno o acesso ao conhecimento, não necessariamente produzido como resultado da sua pesquisa, mas da pesquisa de outro.

Segundo o depoimento, o ensino refere-se à transmissão de conteúdos em sala de aula por parte do professor para os estudantes, sendo esses dados produzidos através de pesquisas feitas pelo docente ou por outros pesquisadores. Podemos depreender dessa fala que essa noção de ensino como transmissão de conteúdos dá indícios de que o docente divulga um posicionamento que remeta mais uma vez ao paradigma conservador, isto porque nessa concepção a dimensão de ensinar existe separada da aprendizagem.

Vejamos o entendimento de MJ6 sobre extensão: *“na extensão você pretende levar para além da sala de aula, para um público que não é o estudantil, como foco principal aquilo que se produz dentro da academia”*. A partir do dito, pode-se afirmar que a extensão busca levar o que se produz na universidade, através da pesquisa, para fora de seus muros. Essa ideia nos faz pensar que os depoentes do nosso estudo anunciam o que seria a extensão em seus discursos ora apresentados, mas não conseguem afirmar se desenvolvem essa terceira função na sua atuação no âmbito da universidade. Além do mais, o processo extensionista não se refere apenas ao que MJ6 se refere, perpassa, entre outros elementos, pelo processo de intervenção na própria realidade.

Vejamos o seguinte depoimento colhido:

O ensino sem pesquisa fica mecânico e reprodutivo, e enquanto está ligado à pesquisa acompanha a evolução do conhecimento. Eles estão interligados, mas a pesquisa na verdade alimenta a atividade de ensino, é a fonte essencial do ensino e da extensão, é ela que reproduz o que se constitui aquele motor primeiro da realidade, é a fonte essencial de todo e qualquer projeto (MW7).

As ideias defendidas por esse participante se aproxima do pensamento de alguns teóricos que discutem sobre a articulação do tripé que constitui a universidade, quando trata da ideia de que o ensino desvinculado da pesquisa constitui-se em um processo de reprodução de conteúdos, mas, interligado a ela pode proporcionar uma inovação na atuação de docentes em qualquer nível de ensino, pois considera que pesquisar é um passo anterior ao processo de ensinar.

Entendemos, portanto, que para realizar um debate em sala de aula é necessário que o professor tenha feito pesquisa e se aproximado das competências/qualidades obtidas através dessa experiência, a exemplo da capacidade de reflexão, busca e indagação que são inerentes ao processo de investigação e que precisam estar presentes na dinâmica de ensino.

No entanto, o depoimento põe ênfase na atividade de pesquisa quando se refere a esse elemento como o “motor” das outras funções universitárias, o ensino e a extensão.

Em relação à concepção de extensão de MR8: *“a realização da atividade de extensão requer um esforço de recolher informações que possam ser difundidas para um público mais ampliado que não seja aquele exclusivo de sala de aula”*. O comentário indica que a extensão universitária é um saber que necessita de estudo, de recolhimento de informações e posterior responsabilidade pelo contato com espaços além da sala de aula. Todavia, mais uma vez, um entrevistado apresenta uma ideia reducionista sobre a extensão como uma função responsável apenas por reunir informações e divulgá-las para outros públicos fora da universidade.

MR8, ao tratar das diferenciações entre o ensino, a pesquisa e a extensão, ressalta a necessidade de articulação entre esses elementos na pedagogia universitária, conforme pode ser visto a seguir:

Embora nós tenhamos certas tendências a compartimentalizar as dimensões de difusão, reprodução e produção do conhecimento, é possível elas caminharem em paralelo. No ensino é possível discutir as práticas da pesquisa, na extensão a gente consegue difundir o que são essas práticas, inclusive através dela, conquistando novos interessados na realização da prática da pesquisa.

Depreende-se do que foi dito por MR8 que no ensino é possível trazer discussões da pesquisa, pois, esta pode contribuir para a melhoria da prática pedagógica. Vale ressaltar que o depoente sinaliza que a extensão tem como um de seus passos um processo de pesquisa que, também, contribui para a melhoria do ensino, ao passo que difunde os conhecimentos produzidos pela universidade para a sociedade e discute as práticas da pesquisa no contexto da sala de aula.

No entanto, apesar do depoente MR8 sinalizar elementos de inovação em seu discurso quando se refere à articulação do ensino, da pesquisa e da extensão, não menciona em que momento ou como é possível realizar esse diálogo com estas funções universitárias, apenas pontua que é possível a articulação.

Ao indagarmos sobre as diferenças entre a pesquisa, o ensino e a extensão, um dos depoentes do estudo revela:

A pesquisa está entrelaçada com o ensino. Os desdobramentos dela na extensão são interessantes porque com os

resultados não tem como eu desvincular de uma proposta extensionista, porque trabalho com a escola. No ensino no mestrado quando vou discutir sobre a pesquisa faço essa relação (MM9).

Nota-se no depoimento de MM9 que o ensino, a pesquisa e a extensão estão aparentemente interligados nas pesquisas e nos projetos que esse docente desenvolve na universidade. Entretanto, o depoente relata uma concepção que podemos considerar também reducionista sobre a extensão, pois, bastaria articular o seu trabalho com a comunidade externa à universidade, a escola, por exemplo, para que seja considerado um docente que realiza propostas extensionistas. Além disso, o fato de MM9 trabalhar em suas pesquisas com reflexões sobre a escola básica não significa necessariamente que o depoente realiza extensão, o que é um equívoco, posto que, a atividade extensionista perpassa por outros elementos, a exemplo da busca pela participação dos Movimentos Sociais na universidade, aspecto que já foi tratado em partes anteriores deste trabalho.

Com efeito, tanto na fala de MM9 quanto nas falas dos outros depoimentos aqui apresentados e discutidos, os docentes evidenciam que trabalham com a extensão, mas não dizem especificamente de que maneira o fazem, o que nos faz pensar, através da análise dos depoimentos apresentados sobre a questão, que, de fato, essa relação talvez ainda encontra-se por ser feita na prática pedagógica de docentes da pós-graduação.

Se pensarmos sob a perspectiva do paradigma emergente, podemos afirmar que os docentes já trazem em seus discursos categorias que apontam para a inovação no ensino superior como, por exemplo, a articulação entre pesquisa, ensino e extensão, mas não dizem como alcançar esse diálogo entre estas funções da universidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste artigo, que buscou tratar das concepções de docentes de mestrados da UEFS sobre a pesquisa, o ensino e a extensão, observou-se que os depoentes discursam sobre essas funções universitárias de uma maneira muito generalista, sendo a pesquisa tratada como o polo que se reporta à produção do conhecimento e constitui-se em um saber do campo teórico-metodológico.

Já o ensino se refere a um tipo de conhecimento que está articulado mais ao trabalho de sala de aula, da exposição de conteúdos e a extensão consiste na função universitária responsável pela dimensão da difusão e publicização daquilo que se produz no âmbito da universidade para outras instâncias da sociedade. Essas leituras apontam para o entendimento de que as práticas dos depoentes aqui discutidas podem estar amparadas no paradigma de ensino tradicional, apesar dos entrevistados assinalarem atitudes de inovação em suas representações.

Contudo, os depoimentos não apontam para a articulação desses elementos na prática pedagógica dos docentes de pós-graduação, ainda que isso esteja garantido nos documentos, leis, ementas curriculares e regimentos dos Programas como se fossem indissociados, isto porque, essa relação ainda se encontra por ser feita na docência de cursos de mestrados investigados.

4 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Método**. In: Análise de Conteúdo. (Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro). 20 ed, 1977.

BEDIM, Juçara Gonçalves Lima. Uma proposta de metodologias participativas na extensão universitária: o ensino de idiomas como uma vertente instrumental. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses/jucarabedim.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: (Org.). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup: Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. Etapa II – A coleta de dados. In: **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Professor da Rede Municipal de Feira de Santana. E-mail: malmeida.uefs@gmail.com. Pesquisador do Núcleo de História da Educação na Bahia (NUEB).
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular, do Departamento de Educação (DEDU), da UEFS. E-mail: roberto.seixascruz@gmail.com. Coordenador do NUEB/UEFS.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 09/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: